

FESTIVIDADES E IDENTIDADES RELIGIOSAS: observações a respeito das Jacíntias da Esparta Clássica



Cleyton Tavares da Silveira Silva¹

RESUMO:

A primeira das grandes festividades do verão espartano eram as Jacíntias (*Hiakínthia*). Faziam lembrar o príncipe espartano, Jacinto (*Hiakínthos*), morto enquanto jogava discos com Apolo. Durante dez dias, as festas à divindade movimentavam a cidade. O auge do festejo era uma grande procissão que se estendia como fio, de Esparta a Amiclas, unindo essas duas comunidades por uma via sagrada, *hiera odos*. Este artigo procura analisar o festejo espartano, como mecanismo de construção e fortalecimento de uma identidade religiosa local, que visava fortalecer as relações entre espartanos e as demais comunidades que circulavam sob sua órbita política. Para tanto, far-se-á uso da documentação literária, e quando possível, dos dados de origem material, de maneira a construir um perfil sólido do festejo, suas etapas e rituais.

PALAVRAS-CHAVE: Esparta; Festividades; Identidades; Jacíntia.

FESTIVITIES AND RELIGIOUS IDENTITIES: some notes on Spartan Classical Hyacinthia

ABSTRACT:

The *Hyacinthia* (*Hiakínthia*) take place at the beginning of summer, the first of the major festivities of the Spartan calendar. The festival made a remembrance of the late Spartan prince Hyacinthus (*Hiakínthos*), who died while playing discus with Apollo. The festivities in honor of the deity were held in the city and take ten days. The peak of the festivities was a large procession that links a thread from Sparta to Amiclas, bounding these two communities by a sacred way, *hiera odos*. This paper seeks to analyze the Spartan festivities as a mechanism for constructing and strengthening a local religious identity, which aimed to strengthen relations between the Spartans and the other communities that circulated under their political orbit. To this end, use will be made of literary documentation and, where possible, of data of material origin, in order to build a solid profile of the festivities, their stages and rituals.

KEYWORDS: Sparta; Festivities; Identities; Hyacinthia.

¹ Doutor em História; Professor Adjunto do Colegiado de História da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Membro do MAAT – Grupo de Estudo de História Antiga (UFRN); Link Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6301794399679685>; E-mail: cleyton.silva@univasf.edu.br.

Introdução

Das costumeiras imagens e discursos recorrentes do senso comum a religiosidade não está no cerne do *tópos* de Esparta. O militarismo, a educação masculina, a condição feminina, a constituição de uma sociedade articulada a um *ethos* marcial podem ser descritos como temas de primeira ordem, quando referidos a Esparta e espartanos. No entanto, nos parece infrutífero deixar de lado todo um conjunto extenso e complexo de informações provenientes dos dados de época, das fontes escritas e materiais, provenientes de Esparta, que demonstram um grande interesse espartano em se manter continuamente em perfil favorável diante dos deuses (RICHER, 2007, p. 252). Isto é, as diversas referências à religiosidade espartana de forma geral, mas, as limitadas fontes acerca dos festivais religiosos performados pelos espartanos.

Nos últimos anos, estas mesmas imagens e discursos sobre Esparta e espartanos tem sido mobilizadas pela extrema-direita nos Estados Unidos (THAROOR, 2016), na Europa (TAGARIS, 2015), assim como no Brasil (TEIXEIRA, 2020), de maneira a procurar no passado legitimação para práticas e discursos reacionários, autoritários, xenófobos, armamentistas além de racistas.

Neste sentido, ampliar o escopo analítico sobre Esparta e espartanos é mister quanto à dissolução de representações contemporâneas maldosas, assim como dos usos espúrios do passado. Logo, uma análise que privilegie o elemento religioso se torne imprescindível para a ampliação dos saberes contemporâneos sobre Esparta e espartanos, haja visto os vestígios do passado disponível sobre o tema. Além disso, uma abordagem sobre as festividades religiosas exaltadas em Esparta, viabiliza não somente um conjunto de observações a cerca de um tema pouco explorado, mas permite também um vislumbre quanto ao relacionamento estabelecido entre a Pólis e as comunidades que lhe cercavam.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Quanto a documentação, certa profusão de vestígios se confunde à natureza “finamente espalhada” dos mesmos, como aponta Nicholas Richer (RICHER, 2007, p. 236). O trabalho documental nos trabalhos sobre Esparta carrega um desafio adicional: a capacidade de rastrear e articular uma soma razoável de expressões, citações, referências sobre a religiosidade espartana, produzidas em épocas diferentes, com propósitos diferentes, a partir de autores e contextos também distintos. No entanto, autores como Heródoto, Tucídides e Xenofonte, serão de sobremaneira explorados neste artigo.

Considerando o exposto, este artigo procura analisar o festejo espartano, como mecanismo de construção e fortalecimento de uma identidade religiosa local, que visava fortalecer as relações entre espartanos e as demais comunidades que circulavam sob sua órbita política. Para tanto, far-se-á uso da documentação literária, e quando possível, dos dados de origem material, de maneira a construir um perfil sólido do festejo, suas etapas e rituais. Além disso, os festejos espartanos estabeleciam relações fortemente situadas entre os cidadãos habitantes das várias vilas espartanas. Para tanto, esta seção busca perscrutar os dados de época, a literatura e cultura material local, de maneira a ampliar nossos saberes sobre tais festividades, além de observá-las à luz da historiografia contemporânea.

No entanto, antes de descrever os festejos praticados durante as Jacíntias, certos apontamentos serão necessários, mesmo que breves, mas significativos. O primeiro pretende desenvolver o entendimento proposto sobre o que entendemos por identidade, no contexto do mundo das pólis helênicas, entre os séculos V e IV. Já o segundo reparo procura demonstrar o que seriam os festivais religiosos helênicos, sua natureza e função, além de pensar rapidamente de que formas a administração do tempo cronológico, do calendário dos dias do ano estavam postos de forma a garantir a manutenção das festas divinas.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Uma nota sobre Identidade Religiosa

De acordo com Heródoto (8.144.2), após a derrota persa em Salamina, as cidades gregas temiam que a frágil confederação que conseguiram conceber contra o avanço dos medos se desfizesse. Atenienses, tal como espartanos, temiam que uns ou outros estabelecessem algum tipo de tratado com o inimigo. Diante disso, os espartanos enviaram representantes à assembleia ateniense a fim a observar qual procedimento seria adotado por Atenas.

Como resposta, os enviados de Esparta ouviram algo que lhes agradara: de forma alguma os atenienses poderiam realizar quaisquer tratados ou acordos com Xerxes, e isso estava justificado por dois motivos: vingança, como Heródoto atesta: “as estátuas os templos dos nossos deuses queimados, lançados por terra transformados num montão de ruínas” (HERÓDOTO. 8.144.2); e, principalmente, pelo total interesse na manutenção da aliança com os demais helenos, “sendo os Helenos (τὸ Ἑλληνικὸν) do mesmo sangue e mesma língua (ὁμοιμόν τε καὶ ὁμόγλωσσον), tendo os mesmos deuses, os mesmos templos (θυσίαι ἡθεᾶ), oferecendo os mesmos sacrifícios (θεῶν ἰδρυμάτᾳ), seguindo os mesmos usos e costumes (τε κοινὰ) [...]” (HERÓDOTO, 8.144.2).

A esse respeito, Heródoto constitui os quatro grandes fatores de composição de uma identidade helena: sangue, língua, culto em comum (deuses, templos e sacrifícios) e costumes. Não pretendemos abordar como esse conjunto de características viabiliza, ou não, uma observação sobre o mundo helênico como um todo ou se ele diz respeito às diferentes épocas alcançadas pela documentação.

No entanto, as observações de Heródoto devem ser lidas com cautela. Jonathan M. Hall (1997, p. 44-45) observa que a Helenidade (*Greekness*) oferecida por Heródoto – com base em um conjunto de similaridades existentes nas variadas comunidades helênicas, quando expostas dentro do que chama “general scheme” de Heródoto – faz emergir interpretações bem diferentes. A precaução de Hall se

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

justifica por interpretação, calcada na análise da escrita herodotiana de François Hartog, que observa as Histórias como uma narrativa retórica: a forma com a qual Heródoto descreve os barbarói, sempre com um “espelho” em mãos, fala mais sobre os gregos que sobre os povos que ele procura caracterizar. Outra interpretação de Rosalind Thomas vincula tal passagem a um argumento de retórica: Heródoto procurava convencer sua audiência, da passagem do V ao IV século, que uma guerra de larga escala, como o conflito do Peloponeso, não deveria ser travada entre os próprios helenos, na medida em que tinham uma série de característica em comum, que mais os unia que os distanciava (THOMAS, 2001).

Entendemos que as várias identidades helênicas foram gestadas ao longo do tempo, de diferentes maneiras. Está evidente que certo nível de identificação pode ser visto na composição monumental de templos e santuários, construídos e reformados no século VI, como aponta François de Polignac (1995). Somente no século V, diante da oposição ao bárbaro (imagem recém-criada de teor pejorativo) quando das Guerras Médicas, essa identidade (autorreconhecimento) se tornou mais forte e potente (HALL, E. 1989, p.05; VIRGOLINO, 2018, p. 23). Lynnette Mitchell observa que práticas comuns, próximas, não necessariamente iguais, “expressões de comunidade baseada em passado, presente e futuro compartilhados” (2007, p. XV), como formas pelas quais os “helenos representavam a si próprios e formavam o corpo de ideias, temas, representações visuais e histórias que deram o nome de pan-helenismo” (Ibdem), constituíam um vínculo importante de reconhecimento de traços, de características partilhadas em comum.

As festividades religiosas no mundo helênico: uma curtíssima nota

Para a definição de festival, no contexto das póleis helênicas, tomamos como definição um conjunto de observações de Angelos Chianotis (2011). O festival helênico, ἑορτή, pode ser definido como “um dia, ou sequência de dias fixados por uma comunidade para a adoração de um deus ou de um grupo de deuses”

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

(CHIANOTIS, 2011, p. 08). Para Chaniotis, em tais festivais, a realização, a performance de ações rituais específicas – que estavam conectadas a funções religiosas, sociais e culturais – davam ao festival seu perfil. O autor explica que o festival era celebrado em comemoração e memória de eventos míticos e lendários, assim como de eventos do passado (CHIANOTIS, 2011, p. 06).

O elemento de centralidade do festival é a adoração dos deuses. Assim, mesmo os festivais que “incluíam a comemoração de aniversários, de desafios atléticos ou musicais, e de celebrações de fundações privadas” (CHIANOTIS, 2011, p. 07), estavam exclusivamente dedicados à adoração dos deuses ou de heróis. Nesse sentido, Chaniotis observa que o limite entre festivais religiosos e festividades seculares praticamente não existia, apesar de que tais celebrações possam ser, atualmente, rotuladas como seculares, estavam ocasionalmente vinculadas às celebrações religiosas (CHIANOTIS, 2011, p. 07).

Chaniotis chama a atenção para o papel central da adoração ao divino, que estava expresso em três valências, quais sejam: o ritual, “especialmente, sacrifícios, hinos, e orações” (CHIANOTIS, 2011, p. 08); os locais onde ocorriam as celebrações, isto é, os pontos focais do culto “altares, santuários, lugares sagrados” (CHIANOTIS, 2011, p. 08); e o nome do próprio festival, que se articula, mas não obrigatoriamente, à divindade patrona do festejo. Por último, os festivais estavam estabelecidos e eram organizados por comunidades, como pólis, por uma *amphiktyoniai*, comunidades tribais, sem uma estrutura definida de estado, mas com certas instituições políticas disponíveis (CHIANOTIS, 2011, p. 09-10).

As Jacíntias

No contexto das Guerras Pérsicas, uma delegação de dignitários atenienses, de Mégara e Plateias, chegou a Esparta na mesma época, início do verão, durante as

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

festas em honra de Jacinto (Hyakinthos), as Jacíntias (Hyakínthia/Ῑακινθία) (HERÓDOTO, 9.7). Preocupados com a circulação persa sobre as cidades helênicas, os representantes buscavam uma posição de Esparta quanto aos invasores. Apesar disso, como demarca Heródoto, os espartanos mantinham como preocupação primeira entregar ao deus o que lhe era devido, o que gerava certa insatisfação em seus aliados (HERÓDOTO, 9.11). Apesar de não oferecer grandes detalhes sobre o festival, Heródoto somente indica certo desconforto, por parte dos visitantes, quanto à demora espartana.

Da mesma maneira, Tucídides também suprime detalhes sobre a festividade, mas, ao descrever um “tratado de paz” entre Esparta e Atenas, estabelece uma aliança que, em longo prazo, deveria ser mantida através da chancela divina: todos os anos, o acordo seria renovado, os espartanos deveriam comparecer a Atenas durante as Dionisias atenienses; na mesma época em que as Jacíntias estivessem sendo comemoradas, dignitários atenienses deveriam se dirigir a Esparta. Além disso, uma estela demarcaria – tanto na acrópole ateniense, no templo de Pálas, como no Templo de Apolo em Amiclas (Amyklai), em Esparta – o acordo entre as partes (TUCÍDIDES. 5.23).

Nas Helênicas, Xenofonte anota que os lacedemônios, de Amiclas, caso estivessem longe de casa, invariavelmente, retornariam para o lar de maneira que participassem do festival. No Santuário de Apolo Amicleu, o Amiclaion (SILVA, 2023, P. 339-373), cantavam hinos ao deus, entre eles, o afamado Paeon (XENOFONTE. Helênicas. 4.5.11). Sobre as Jacíntias, Xenofonte – demonstrando pretensão apreço da aristocracia aos gostos modestos e a simplicidade do cotidiano – observa que Agesilau ocupava um lugar comum, quando partícipe da festividade, inclusive, cantava nos corais masculinos (XENOFONTE. Agesilau. 2.17). De mesma natureza módica, despretensiosa, seria uma carruagem de vime, uma *kánathron*, que conduzia sua filha aos sacrifícios que seriam performados em Amiclas (XENOFONTE. Agesilau.7. 7).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A documentação literária de períodos mais remotos se encerra nesses casos. Em autores posteriores, podemos vislumbrar certas imagens da festividade. A maior parte desses excertos estão disponíveis em o Banquete dos Eruditos (*Δειπνοσοφισταί*) (POLYKRATES. Apud. ATENEU. O Banquete dos Eruditos. IV. 139d), de Ateneu, também conhecido como Ateneu de Náucratis, que viveu em torno do século III depois da Era Cristã. Apesar de fornecer vários detalhes sobre a festividade, as informações obtidas nesse volume merecem um cuidado redobrado, pois propiciam dados por vezes contraditórios (CHANIOTIS, 2011, p. 165).

O exemplo utilizado por Chaniotis demarca bem o procedimento adotado neste artigo. De acordo com Polykrates, citado em Ateneu, não se cantavam determinadas canções, como o paen, informação incongruente com relatos anteriores, essencialmente de Xenofonte (*Helênicas* 4.5; *Agesilau* 2.17). É imprescindível comparar relatos contemporâneos sobre a festividade com aqueles obtidos em textos posteriores. A esse respeito, Chaniotis esclarece que tais desconexões não inviabilizam interpretações do texto, na medida em que o “festival tinha uma estrutura complexa, consistindo em uma primeira parte triste e uma segunda parte alegre, as discrepâncias podem ser explicadas pelo contraste entre essas duas partes” (CHANIOTIS, 2011, p. 165). Logo, é possível apontar que incongruências pontuais podem ser sanadas em benefício da interpretação histórica tanto da festividade em si como de seu papel na sociedade espartana.

A festa rememorava o mítico príncipe espartano Jacinto, morto involuntariamente pelo amante, o deus Apolo, enquanto arremessavam discos. De acordo com outras tradições, foi o enciumado Zéfiro, ou Bóreas, que disputava com Apolo as atenções do rapaz que, mudando o curso do vento, teria sido responsável pelo objeto que atingira fatalmente o filho de Amiclas, àquele momento rei de Esparta (GRIMAL, 2005, p. 206). De acordo com a tradição, o enlutado Apolo fez nascer, sob o sangue do amado, a bela flor de Jacinto. Para Pausânias, o santuário de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Apolo Amiclaion guardaria o túmulo do herói e, durante as Jacíntias, oferendas lhe eram entregues, colocadas em um altar alcançado por uma porta de bronze.

De acordo com Polycrates, as Jacíntias não estavam fechadas à participação exclusiva dos cidadãos, mas abarcava os diversos grupos sociais que conviviam em Esparta⁴³⁰. Assim, tanto estrangeiros como hilotas e periecos (perioikoi) poderiam tomar parte nos festejos, mas tal inclusão estava observada em momentos específicos. As festividades aconteciam durante o Hecatombeus, mês que celebrava Apolo Hekatombeus (CHANIOTIS, 2011, p. 165), e duravam em torno de três dias. Elas estavam inseridas em um conjunto festivo mais amplo, as hieromênia, cuja duração era cerca de dez dias (CHANIOTIS, 2011, p. 165). Angeliki Petropolou (2015) interpreta que foi exatamente nesse período que os emissários estrangeiros podem ter chegado, como o apontamento anterior de Heródoto, o que poderia explicar o descontentamento daqueles em relação à demora na ação por parte dos espartanos.

O primeiro dia da celebração marca o luto pela perda do príncipe, assinalando, assim, a natureza fúnebre do festejo. Durante esse dia, não havia consumo de pão (ἄρτος), nem se usavam coroas durante o banquete, nem mesmo o *paen* era entoado a Apolo (CALAME, C. 2001, p. 173).

Um sacrifício (ἐναγισμός) era oferecido a Apolo. Chaniotis especula quanto ao horário (CHANIOTIS, 2011, p. 165), se aconteceria à noite ou em outro momento. Nesse dia, um banquete público, mas também festins privados (CHANIOTIS, 2011, p. 166; VAN WEES, 2018, p. 247), chamados kópis (κοπίς), eram preparados. Tal refeição consistia na carne de cabras sacrificadas (somente esse animal poderia ser oferecido); vários tipos de vegetais, feijões frescos e secos, tremoços, figos, frescos e secos; um tipo de queijo verde, sopas e bolo, mas nada de pão (hártos) (VAN WEES, 2018, p. 248).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Já o segundo dia expressava todo o regozijo pela apoteose do herói, que teria sido elevado ao Olimpo pelos deuses, levando consigo sua virgem irmã, Polibeia. Durante esse dia, uma festa em larga escala era realizada. As ruas espartanas estavam em festa, toda a aflição do dia anterior era superada. Polykrates aponta a natureza multicolorida do espetáculo (CALAME, C. 2001, p. 173). As crianças (παῖδες) tocam a lira e cantam canções que são acompanhadas pelo aulos, uma flauta. Jovens rapazes, divididos em grupos, cantam diversas canções e poemas, que exaltam suas origens e pertencimento local. Junto deles, dançarinos performam danças tradicionais ao som de flautas e das vozes dos cantores (CALAME, C. 2001, p. 174). Tudo isso é realizado nas proximidades do teatro, cuja localização exata é suprimida.

As moças (παρθέναι) recebem grande destaque na festividade, tomam parte de uma grande procissão que seguia de Esparta para Amiclas, pela via Hyakinthia (ὁδὸς Ὑακινθίς), uma via processional, hiera odos (uma estrada sagrada) (KOURINOU; PIKOULAS, 2012) que ligava as duas comunidades. As moças seguiam em carruagens ricamente decoradas, principalmente aquelas de famílias abastadas; já as moças com menor poder aquisitivo, ou que procurassem demonstrar austeridade, seguiam em carruagens públicas, como o fez a filha de Agesilau (VAN WEES, 2018, p. 224). As carruagens, *kannathron*, poderiam ser adornadas com a imagem de diversos seres, inclusive míticos (PLUTARCO, A Vida de Agesilau. 19.5) e eram puxadas por pares de cavalos, seguidas por homens a cavalo (DILLON, 2002, p. 214).

Matthew Dillon aponta ainda que as moças de carros com pares de cavalos competiam entre si. As garotas traziam consigo um kíton (χιτὼν), uma túnica tecida por elas mesmas para presentear o deus (CHANIOTIS, 2011, p. 163). Em Amiclas, os rapazes vestiam um kíton arcaico, longo e bem-produtivo, enquanto cantavam a Apolo acompanhados pelos sons de cítaras. As procissões reuniam um grande número de participantes e se destacavam como grande elemento das festividades espartanas (CAVANAGH, 2018, p. 75; RICHER, 2007, p. 246).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Enquanto isso, jovens homens atuavam no local, cantando canções diversas, assim como o *paen*. Os reis também participavam dos corais, nos lugares que lhes eram determinados por um *choropoios* (RICHER, 2007, p. 246).

O papel feminino não estava restrito à procissão. Calame apresenta ao menos duas referências ao teatro ático. Em Helena, Eurípedes narra o retorno da heroína para sua cidade natal, onde, em encontro com as cunhadas leucipiádes, toma parte nas celebrações noturnas da festividade (EURÍPEDES. Helena 1465ff). Aristófanes, em Lisístrata, fala da presença de jovens moças em Amiclas (ARISTÓFANES. Lisístrata. 1296ff). Calame menciona ainda uma participação maior de moças e mulheres na festividade, incluindo a de moças em corais e festividades noturnas, e indica o papel de centralidade que algumas delas poderiam receber, como organizadoras do evento como um todo (CALAME, C. 2001, p. 175). Observando inscrições do Amiclaion (IG V, 1 586-587), do século II depois da Era Cristã, Calame aponta que uma mulher foi escolhida para presidir o evento. A opção por ela aconteceu devido à sua “discrição, dignidade e todas as outras qualidades exigidas de uma mulher de posição. [...] Os termos que descrevem sua função incluem liderar a procissão e dirigir o festival como um todo” (CALAME, C. 2001, p. 175).

O segundo dia de festejos encontrava seu fim com um grande banquete, cujo menu seria novamente o kópis, desta vez, incluindo entre seus pratos o pão. O festim seria realizado em tendas, dispostas principalmente nas proximidades do santuário. Neste último, todos que estivessem na cidade, na ocasião, estavam convidados a tomar parte do banquete, inclusive os hilotas. Calame (2001, p. 175) insere o banquete no terceiro dia, já Chaniotis aponta ao desconhecimento dos ritos específicos dessa última parte (CHANIOTIS, 2011, p. 166; VAN WEES, 2018, p. 248).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Assim como Chaniotis, tendo por base a observação da rede documental a que se tem acesso, a festividade, da forma que foi celebrada, parece estar constituída de elementos heterogêneos. Como assinala o autor, mesmo tendo certos vestígios de uma festividade de relacionamento rural, vinculado ao ciclo da vegetação. A heterogeneidade dos elementos do culto indica, provavelmente, o longo processo de desenvolvimento pelo qual tais subsídios foram submetidos. Nesse sentido, destacamos principalmente o papel e a participação feminina no festival, o que reflete a importância da maternidade em uma comunidade de cidadãos limitada (oligantropia) (DORAN, 2018), de natureza guerreira. A capacidade maternal, parturiente, da cidade seria, portanto, de suma importância. Em contrapartida, a grande presença de cerâmica no sítio deriva da popularidade do culto.

Já Pettersson, observando um razoável conjunto documental, aponta para uma representação distinta do mito estabelecido por Pausânias (3.19.2), em que o herói é representado como um homem adulto, barbado e acompanhado da irmã. O autor explica que o jovem Jacinto será uma invenção ática, “conectada com o estilo de vida do simpósio aristocrático” (1992, p. 41). Para Pettersson, a relação entre Apolo e Jacinto é apenas sugestiva, e a documentação material não atesta a presença de ambos em uma mesma imagem, enquanto que, em relação à documentação literária, Helena de Eurípedes é o indício mais antigo (PETTERSSON, (1992, p. 41).

Com base na cultura material proveniente do Amiclaion, Vicky Vlachou observa que, durante o princípio da Idade do Ferro, um período de mudanças sociais e econômicas significativas, a festa parecia ser uma forma de comunicação para reavaliar a identidade da comunidade local. Nesse mesmo período, torna-se indispensável considerar que os eventos festivos adquiriram um caráter particularmente proeminente enquanto os investimentos em equipamentos de banquetes e cultos, além da exibição competitiva de várias oferendas, marcaram o desenvolvimento do santuário até o final do século VIII (VLACHOU, 2018, p. 96). Tal apontamento tem como sedimento a observação da quantidade e da qualidade

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

dos vestígios sobreviventes dos equipamentos utilizados, possivelmente durante o festejo, que demonstraram que o consumo de bebida e comida no local tinha papel de importância durante o período de sua fundação.

Conclusão

As festividades espartanas organizavam o calendário anual daquela cidade, articulando a vida social da comunidade como um todo, suas atividades cotidianas e a sociabilidade, que estavam engajadas nessas solenidades. As festividades eram aguardadas e geravam grande ansiedade em seus participantes. As Jacíntias eram aguardadas ao longo do ano, estavam demarcadas no verão, época em que as ações militares também eram orquestradas.

Com base na observação e na análise de tais festejos, pudemos perceber sua ocorrência periódica, seguindo das mais rotineiras às grandes festividades que enchiam a cidade de cor e movimento. Anualmente, as Jacíntias articulavam o misto de dor e alegria em pranto pelo herói epônimo, mas também de regozijo, o que pontualmente permitia que as tensões sociais fossem arrefecidas, ao menos nesse período.

Se, por um lado, as festividades religiosas angariavam aquilo chamado por Émile Durkheim de “Efervescência coletiva” e articulavam com força poderosa os intentos de uma comunidade (1996, p. 221-231); por outro, as festividades também eram eventos de vigilância quanto à participação de todos, quanto à exposição da diferença, da distinção dentro do próprio e seletivo grupo espartano.

REFERÊNCIAS

Fontes

ARISTÓFANES. Trad. Luis Gil Fernandes. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

ATHENAEUS. **Complete Works**. Hastings: Delphi Classics, 2017

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

EURÍPEDES. **Teatro Completo**. Vol II. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2016.

HERÓDOTOS. **História**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1985.

PLUTARCH. **Lives**. Vol. V. Transl. Bernadotte Perrin. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1917.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1987.

XENOPHON. **Hellenica**. Books V-VII. Trad. Carleton L. Brownson. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1921.

XENOPHON. **Scripta Minora**. Trad. E. C. Marchant. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

INSCRIPTIONES Graecae. Disponível em:
<https://epigraphy.packhum.org/regions/1657>. Acesso 12 de novembro de 2024.

Bibliografia consultada

CALAME, Claude **Choruses of Young Women in Ancient Greece: Their Morphology, Religious Role, and Social Functions**. Trad. Derek Collins and Janice Orion. New York/ Oxford: Rowman & Littlefield, 2001.

CAVANAGH, William. An Archaeology of Ancient Sparta with Reference to Laconia and Messenia. IN.: POWELL, A. (Ed.). **A Companion to Sparta**. Vol. 1. Hoboken: Wiley Blackwell, 2018. Cap. 3. p. 61-92.

CHANIOTIS, Angelos. **Festivals and Contests in the Greek World**. Thesaurus Cultus et Rituum Antiquorum VII, Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2011, p.1-43; 160-172.

DILLON, Matt. **Girls and Women in Classical Greek Religion**. London/ New York: Routledge, 2002. p. 214.

DORAN, Timothy. **Spartan Oliganthropia**. Leiden/ Boston: Brill, 2018.

DURKHEIM, Emile. **As formas Elementares da Vida Religiosa**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

GRIMAL, P. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 5ª ed., Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HALL, Edith. **Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALL, Jonathan. M. **Ethnic Identity in Greek Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KOURINOU, Eleni.; PIKOULAS, Yannis. Η πρόσβαση του Αμυκλαίου. **Μουσείο Μπενάκη**, 1(11-12). 2012, 163-168).

MITCHELL, Lynette. **Panhellenism and the Barbarian**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2007.

NAFISSI, Massimo. Hyakinthia at Sparta. IN.: BAGNALL, R. S. Et al. **The Encyclopedia of Ancient History**. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2018. p. 01.

PETROPOULOU, Angelike. **Hieromênia and Sacrifice during The Hyakinthia. Mêtis**. Antropologie des mondes grecs anciens. N. S. 13, 2015, p. 167

PETTERSSON, Michael. **Cults of Apollo at Sparta: The Hyakinthia, the Gymnopaediai and the Karneia**. Stockholm: Svenska Institutet i Athen; Distributor, P. Åström, 1992.

POLIGNAC, François. de. **Cults, Territory and the origins of the Greek City-State**. Transl. Janet Lloyd. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

RICHER, Nicholas. The Religious System at Sparta. IN.: OGDEN, D. (Ed.). **A Companion to Greek Religion**. Oxford: Blackwell, 2007. Cap. 15. p. 236-252.

SILVA, Cleyton T. S. **“De fato, eles punham os deveres para com os deuses acima dos deveres para com os homens”**: paisagem religiosa na Esparta do Arcaico ao Helenístico. 2023. 668f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

TAGARIS, Karolina. **Far-right Golden Dawn exploits darker side of Greece's discontent. Reuters**. 11 de setembro de 2015. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/uk-eurozone-greece-goldendawn-idUKKCN0RB1HE20150911>. Acesso: 14 de outubro de 2022.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

TEIXEIRA, Lucas B. **O que é 300 do Brasil, grupo de extrema-direita liderado por Sara Winter.** Uol. São Paulo, 15 de junho de 2020. Disponível: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/15/o-que-e-300-d-o-brasil-grupo-de-extrema-direita-liderado-por-sara-winter.htm>.

THAROOR, Ishan. **Why the West's far-right — and Trump supporters — are still obsessed with an ancient battle.** The Washington Post. Boston, 16 de nov. de 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/11/07/why-the-we-sts-far-right-and-trump-supporters-are-still-obsessed-with-an-ancient-battle/>. Acesso: 14 de outubro de 2022.

THOMAS, Rosalind. Ethnicity, Genealogy, and Hellenism in Herodotus. IN.: MALKIN, I. (Ed.) **Ancient Perceptions of Greek Ethnicity.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001. p. 213-233.

VAN WEES, Hans. The Common Messes. IN.: POWELL, A. (Ed.). **A Companion to Sparta.** Hoboken: Wiley Blackwell, 2018. Cap. 9. p. 236-268.

VIRGOLINO, Mariana F. **Redes, Stásis e Estabilidade na Grécia Antiga: um Estudo em Cultura Política.** 2018. 443f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

VLACHOU, Vicky. Feasting at the Sanctuary of Apollo Hyakinthos at Amykles: The Evidence from the Early Iron Age. IN.: VEN DEN EIJNDE, F.; BLOK, J. H.; STROOTMAN, R. (Eds.). **Feasting and Polis Institutions.** Leiden/ Boston: Brill, 2018. Cap. 4. p. 96.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade